

---

## ENUNCIÇÃO


### Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

---

#### Hans Jonas e um marxismo livre de utopia: alguns comentários

*Hans Jonas and the proposal of a Marxism without utopia: some appointments*

João Batista Farias Júnior\*

 <https://orcid.org/0000-0002-2924-5656>

**Resumo:** O presente artigo traz alguns comentários acerca da leitura de Hans Jonas da teoria marxista. Crítico do capitalismo e da tecnologia moderna, Jonas direciona sua análise política a fim de verificar se em um estado socialista a responsabilidade encontraria o suporte político para sua realização. Jonas, porém, identifica ainda no marxismo diversos elementos comuns às democracias liberais de matriz capitalista, entre eles o ideal de progresso e uma ingênua confiança na tecnologia, os quais o filósofo culpa por serem demasiado utópicos. Nesse sentido, procuramos destacar a argumentação de Jonas em torno da tese de que apenas livrando-se desse ideal utópico poderia o marxismo servir de cenário apropriado para a concretização de uma política da responsabilidade. Dividido em duas partes, primeiro, elencamos os elementos que Jonas vê como interessantes na teoria marxista; em seguida, trazemos as contribuições de Jonas que visam a “atualizar” o marxismo, citando as fragilidades de sua utopia que requer maior atenção, de modo a poder inspirar a construção de uma organização político-econômica que sustente a responsabilidade como princípio.

**Palavras-chave:** Hans Jonas, marxismo, Karl Marx, política, capitalismo, utopia.

**Abstract:** *This article brings some comments about Hans Jonas' reading of Marxist theory. As a critic of capitalism and modern technology, Jonas directs his political analysis in order to verify whether, in a socialist state, responsibility would find the political support for its realization. Jonas, however, still identifies in Marxism several elements common to liberal democracies with a capitalistic economy, among them the ideal of progress and naive confidence in technology, which the philosopher blames for being too utopian. In this sense, we sought to highlight Jonas' arguments around the thesis that only by getting rid of this utopian ideal could Marxism serve as an*

---

\* Doutor em Filosofia pela UFG. Professor de Filosofia do IFPI - Campus São João do Piauí. Editor dos Cadernos Cajuína. Pesquisador vinculado ao Núcleo de Pesquisa Hannah Arendt - UFPI. Membro do Grupo de Pesquisa Hans Jonas do CNPq e do GT Hans Jonas da ANPOF.

*appropriate scenario for the realization of a policy of responsibility. Divided into two parts, we first list the elements that Jonas sees as important in the Marxist theory, then we bring Jonas' contributions that aim to "update" Marxism, citing the fragilities of its utopia that requires our major attention, in order to inspire the construction of a political-economic organization that upholds responsibility as a principle.*

**Keywords:** *Hans Jonas, Marxism, Karl Marx, politics, capitalism, utopia.*

“A transição a sociedades pós-extrativistas se dará sobre bases ecológicas e com crescente equidade social, sobre fundamentos eminentemente democráticos, ou não se dará. Devemos aceitar que nenhum processo econômico pode ser sustentável se não respeita os limites dos ecossistemas, e que a economia é parte de um sistema maior e finito: a biosfera. Portanto, o crescimento permanente, como já dissemos, é impossível.”

Alberto Acosta, *O bem viver.*

## I

O presente artigo traz alguns comentários acerca da leitura de Hans Jonas da teoria marxista. Crítico do capitalismo e da tecnologia moderna, Jonas direciona sua análise política a fim de verificar se em um estado socialista a responsabilidade encontraria o suporte político para sua realização. Jonas, porém, identifica ainda no marxismo diversos elementos comuns às democracias liberais de matriz capitalista, entre eles o ideal de progresso e uma ingênua confiança na tecnologia, os quais o filósofo culpa por serem demasiado utópicos. Nesse sentido, procuramos destacar a argumentação de Jonas em torno da tese de que apenas livrando-se desse ideal utópico poderia o marxismo servir de cenário apropriado para a concretização de uma política da responsabilidade.

Nesta primeira parte elencamos os elementos que Jonas vê como interessantes na teoria marxista. Podemos antecipar que na análise de cenário promovida por Jonas em sua obra *O Princípio Responsabilidade*, sua aposta quanto a qual forma de governo-estado estaria melhor apropriada para a realização de uma política da responsabilidade pelo mundo comum, o marxismo teria inúmeras vantagens sobre as democracias liberais

capitalistas. Dado estas últimas serem a matriz econômico-política das nações que mais destroem o meio ambiente e ameaçam o presente e o futuro da vida em geral.

em seguida, trazemos as contribuições de Jonas que visam a “atualizar” o marxismo, citando as fragilidades de sua utopia que requerem maior atenção, de modo a poder inspirar a construção de uma organização político-econômica que sustente a responsabilidade como princípio.

O ponto central da crítica de Hans Jonas a Karl Marx, ironicamente, está na crença de que a realização do capitalismo levaria à necessária revolta do proletariado e ao surgimento de uma nova forma de organização política, social e econômica. A superação do capitalismo pelo comunismo, entretanto, parece ser cada vez mais inalcançável, sobretudo porque, antes que tenhamos tais consciência e organização para a realização dessa revolução, o mundo já terá perecido com as catástrofes ambientais e tecnológicas, cujo espectro já nos ronda e anuncia o que há por vir. Para Jonas, “certamente, não podemos mais confiar em nenhuma ‘razão da história’ imanente, e seria pura frivolidade falarmos de um ‘sentido’ autorrealizável dos acontecimentos”<sup>1</sup>.

A essa utópica imagem de uma revolução comunista, a partir dos elementos do capitalismo, segundo Jonas, soma-se uma de suas maiores preocupações: a prevalência do ideal baconiano de que, por meio da técnica moderna, o ser humano detenha o poder de dominar as forças naturais e usá-las em seu próprio benefício. Logo nas primeiras páginas de *O Princípio Responsabilidade*, pode-se perceber como o autor identifica a prevalência do papel da tecnologia até mesmo na obra de Marx:

Como tem a seu favor os sonhos mais antigos da humanidade, e agora parece também ter na técnica os meios para transformar o sonho em empreendimentos, o utopismo, outrora inócuo, tornou-se a mais perigosa das tentações — precisamente porque idealista — da humanidade em nossos dias.<sup>2</sup>

Esse idealismo, concernente à capacidade humana de melhoramento e progressiva transformação de suas condições, é identificado por Jonas no cerne do pensamento moderno. Duas formas “prático-prescritivas” desse ideal de progresso consolidaram-se em formas de economias políticas: o capitalismo liberal e o marxismo<sup>3</sup>. Entretanto, diz Jonas, apenas o marxismo “pode ser hoje considerado seriamente como

---

<sup>1</sup> JONAS, H. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 215.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 22-23.

<sup>3</sup> Cf. JONAS, 2006, p. 239.

fonte de uma ética que oriente a ação predominantemente para o futuro, daí extraindo suas normas para o presente”<sup>4</sup>. Jonas tenta então analisar, junto a esse problemático espírito utópico, outros elementos que necessitem de modificação ou abandono, em concordância com a responsabilidade como pensada por ele.

Marx, porém, no primeiro volume de *O Capital*, enfatiza em algumas passagens que o papel da tecnologia e do desenvolvimento científico, após a revolução socialista, deverá ser bem diferente daquela relação verificada a partir do capitalismo. “A produção capitalista, ao reunir a população nos grandes centros e causar uma preponderância cada vez maior da população urbana, por um lado, concentra a força motriz histórica da sociedade”.<sup>5</sup> Essa vantagem deve ser reconhecida sobretudo porque traz a possibilidade de uma vida mais cômoda e segura para as pessoas. No entanto, em um tom nada “utópico” em relação a uma prevalência desmedida desse desenvolvimento, continua Marx: “por outro lado, perturba a circulação da matéria entre o homem e o solo, ou seja, impede o retorno ao solo de seus elementos consumidos pelo homem na forma de alimentos e roupas; portanto, viola as condições necessárias para a fertilidade duradoura do solo”.<sup>6</sup>

Como declaram Almeida e Carvalho:

Jonas critica o marxismo pelo moderno utopismo que carrega em suas reivindicações do ideal baconiano para o domínio da natureza pelo homem, por sua concepção de progresso a partir do desenvolvimento máximo de suas forças produtivas (seja para o surgimento do homem verdadeiro) e por conter em suas teorias a ideia de que o homem é fundamentalmente *bom*.<sup>7</sup>

A presença desses elementos utópicos, relacionados em especial ao papel da técnica na transformação econômica e social, leva Jonas a igualar o marxismo ao capitalismo no que diz respeito aos perigos que representam para o meio ambiente e para as gerações futuras. Mas, ele ainda acredita que há no marxismo um potencial espaço para a realização da responsabilidade.

Como mencionamos, a análise de cenário que Jonas faz é imprecisa por diversas razões. Nesse sentido, discorda-se de Sganzerla<sup>8</sup>, quando ele afirma que Jonas “pensa

---

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 239.

<sup>5</sup> MARX, K. *O Capital*. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 572.

<sup>6</sup> *Ibidem*.

<sup>7</sup> ALMEIDA, L. M. F.; CARVALHO, H. B. A. “Marxismo”. IN: OLIVEIRA, Jelson; POMMIER, Eric (org). *Vocabulário Hans Jonas*. Caxias do Sul: Educs, 2019, p. 142.

<sup>8</sup> SGANZERLA, A. “Política”. IN: OLIVEIRA, Jelson; POMMIER, Eric (org). *Vocabulário Hans Jonas*. Caxias do Sul: Educs, 2019, p. 201.

um modelo político marxista”<sup>9</sup>. Não encontramos em *O Princípio Responsabilidade*, nem em publicações posteriores, algo que possa ser chamado de modelo político. Jonas realiza — e aqui encontra-se uma de suas maiores limitações no campo da política — uma análise de cenário que, embora busque inspiração no marxismo, é incapaz de vislumbrar a riqueza contida nas experiências revolucionárias do século XX, por exemplo. Além de contar com uma equivalência entre democracia liberal e economia capitalista, até 1979, ano da publicação de *O Princípio Responsabilidade*, Jonas dá sinais de que tinha como exemplos paradigmáticos apenas a URSS e a mais recente, e ainda em transformação, revolução chinesa, ignorando, por exemplo, a Revolução Cubana e o governo socialista chileno de Salvador Allende<sup>10</sup>.

Jonas elenca cinco elementos que contam a favor do marxismo como teoria político-econômica na qual a responsabilidade pode alcançar sua realização. O primeiro argumento já é bastante controverso. Comparando duas formas de economia, a economia do lucro desenvolvida no capitalismo e a economia das necessidades tal como pensada para o comunismo na obra de Marx são, do ponto de vista teórico, incomparáveis, uma vez que uma economia das necessidades está moralmente à frente de toda economia do lucro em que as desigualdades proliferem e o consumo e exploração sejam irrefreáveis. O filósofo, porém, admite que o que funciona na teoria pode divergir enormemente na prática. A burocratização de uma economia estatal poderia ser comprometida por uma “condução equivocada dos superiores, associada ao servilismo e ao sicofantismo dos inferiores”.<sup>11</sup>

As necessidades, alerta Jonas, na economia capitalista são criadas segundo uma artificialidade sempre na direção não só da diversificação de marcas, mas também numa multiplicação de bens e serviços cujo funcionamento, qual um moto-perpétuo, se dá pela alimentação da roda do trabalho-consumo, algo que remete também ao que fora

---

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 200. Sganzerla chega mesmo a se confundir acerca da análise de cenário que Jonas promove. O filósofo chama de “Estado ideal” uma forma de democracia liberal que pudesse integrar a responsabilidade como princípio norteador da economia e da política, conservando as liberdades individuais ao passo que assumíssemos a responsabilidade politicamente. Jonas não acredita que esse “Estado ideal” possa ser desenvolvido à luz do marxismo, ao menos não se compreendemos a liberdade de forma negativa e, principalmente, se a reduzimos ao consumismo desenfreado como se percebe nas democracias liberais capitalistas.

<sup>10</sup> Ao contrário da visão pessimista jonasiana acerca das revoluções, podemos mencionar a filósofa e amiga íntima de Jonas, Hannah Arendt, que busca nos exemplos revolucionários, como é o caso da Revolução Húngara muito saudada por Arendt, um verdadeiro exercício de participação política popular e de tomada da responsabilidade pelo mundo compartilhado. Sobre isso ver: ARENDT, H. *Sobre a revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Ou: ARENDT, H. *Ação e a busca da felicidade*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

<sup>11</sup> JONAS, H. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*, p. 242.

discutido no segundo capítulo acerca dos problemas que as redes sociais e mídias digitais causam. “É certo, porém, que a ausência da motivação do lucro elimina uma das causas do desperdício, ou seja, a criação artificial de demandas de consumo por bens até então não desejados e nem sequer conhecidos”<sup>12</sup>. E essa influência no consumo, vista e por todos conhecida mediante inúmeras formas de propaganda e conformação a padrões e exigências do mercado cultural, funciona graças ao papel primordial das mídias junto ao mercado de bens e serviços, através da formação da mentalidade e dos hábitos gerais.

Um poder governamental total<sup>13</sup>, cita Jonas como segundo atrativo do marxismo, traz a possibilidade de implantação de medidas impopulares com maior facilidade. Diz ele:

Elas incluem medidas que, por contrariarem os interesses individuais dos sujeitos afetados, jamais se imporiam espontaneamente; no caso em que atinjam a maioria dos indivíduos, dificilmente conseguiriam ser aprovadas em um processo democrático. São medidas assim, porém, as que o futuro ameaçador exige e exigirá cada vez mais.<sup>14</sup>

Ainda relacionado a esse segundo elemento, Jonas traz o terceiro ponto que consiste nas “vantagens de uma moral ascética das massas”<sup>15</sup>, isto é, uma identificação da população com o governo capaz de promover o entendimento e aceitação das políticas e medidas por ele implementadas. Um tal “espírito ascético” é especialmente necessário no que diz respeito aos hábitos gerais de consumo. Não se trata aí de tão só reduzir o consumo em países e segmentos da população até então livres, para realizá-lo com bem entendem, mas sobretudo de gerar uma justiça sustentável, que ampare com a devida atenção aqueles que antes eram desprovidos do essencial para uma vida humana digna. O filósofo admite a dificuldade da população se “reconhecer” em um governo cujas leis e ações sejam impopulares e os limitem em relação a seus hábitos. No entanto, ele ignora que uma tal identificação é ainda mais problemática em um “governo total” no qual a população não tem possibilidade de participar e agir livremente em razão daquilo que em comum decidem, algo que poderia ser mais palatável não com a

---

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 243.

<sup>13</sup> A expressão “poder governamental total”, que deve soar problemática aos ouvidos de leitores familiarizados, por exemplo, com a obra de Hannah Arendt pela fácil remissão ao totalitarismo, não recebe de Jonas uma explicação mais detalhada quanto ao seu significado. Entendemos, porém, que ele se refira a um governo cujo poder e força (essa última podemos entender em sentido arendtiano como os efeitos das ações sobre a comunidade) sejam de grande influência e que, de preferência, se organize e desenvolva na forma de um pacto ou organização global entre nações, algo que por certo seria melhor compreendido como um governo geral ou global.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 244.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

exclusão, mas em particular com o fomento da inclusão e da participação popular nos assuntos comuns.

Também muito próximo a este terceiro elemento, Jonas cita as vantagens da promoção da igualdade para a disposição comum aos “sacrifícios” necessários. No entanto, ele pondera que:

Os privilégios de estatuto, mesmo que não sejam reconhecidos por esse nome, são inevitáveis por causa da alta diferenciação de funções e da consequente hierarquização de responsabilidade, próprias das sociedades modernas e tecnológicas. Não devemos esperar que o homem socialista seja mais altruísta do que os seus congêneres em outros sistemas sociais.<sup>16</sup>

Quanto a isso, também podemos questionar a incapacidade de imaginar uma conformidade entre igualdade e participação. A forma burocrática de governo que o autor concebe soa demasiado estratificada e, nesse sentido, incoerente com o desejo de promoção da igualdade. Tanto assim é que, defender-se-á, poderia ser superado com uma transparência e publicidade das ações aliadas à oportunidade de participação igualitária para as pessoas interessadas em colaborar com o exercício do poder.

O último ponto, também ambíguo na visão de Jonas, consiste no papel da utopia para a realização da responsabilidade. O filósofo questiona-se sobre a possibilidade e vantagem do “entusiasmo utópico” ser convertido em um “entusiasmo pela austeridade”<sup>17</sup>. Trata-se, segundo ele, da transformação do espírito utópico do marxismo que se fia num ideal tecnicista, em um “um idealismo público, capaz de voluntariamente aceitar sacrifícios em prol das gerações futuras dos seus descendentes e também em prol dos contemporâneos sofrendores de outros povos, coisa que a situação privilegiada ainda não o exige”<sup>18</sup>. Ele deixa em aberto sua avaliação de uma tal transformação, em especial porque esse caráter utópico do marxismo será um dos principais pontos de sua desconfiança parcial em relação a esse sistema.

## II

A análise de Jonas da teoria marxiana foi influenciada, em particular, por sua leitura da obra de Ernst Bloch que, como mencionado, apresenta em seu *Princípio Esperança* o marxismo entre as teorias que, por mais utópicas que sejam, podem

---

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 248.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 246.

<sup>18</sup> *Ibidem*.

orientar a vida humana na contemporaneidade. Sem dúvida alguma, Jonas foi influenciado por Bloch não só pela “redescoberta” da obra de Marx, mas, sobretudo, pela ênfase dada à utopia como motor para a transformação política.

Um primeiro elemento que preocupa Jonas quanto ao marxismo está no que ele chama de “motivação de lucro e incitação à maximização no Estado nacional comunista”. Jonas teme que, mesmo diante de uma economia de Estado burocratizada e horizontal, ainda seja possível o desenvolvimento de um interesse em maximizar as produções e incentivar uma sempre crescente otimização das condições de vida da população, de modo que reproduzam uma variante do Estado de bem-estar social que só estaria, em tese, livre das discrepâncias no acesso e que, justamente por isso, poderia reproduzir “velhos hábitos”, como a produção de excedente e o desperdício, mas em uma escala ainda maior.

Jonas anteviu o perigo de as discrepâncias regionais tornarem-se uma forma de inviabilizar um engajamento comum e a unidade política entre nações em torno da responsabilidade. Segundo ele, um tipo de comunismo mundial não seria imune ao egoísmo econômico regional. Em uma de suas últimas entrevistas, datada do ano de 1988 e publicada sob o título de “Se não estivermos prontos para o sacrifício, haverá pouca esperança”, Jonas declara que apesar da lenta transformação da mentalidade política e social envolvendo as questões ambientais e econômicas, ele ainda visualizava alguma esperança, dizendo que “para não ser excessivamente otimista, minha opinião sobre o futuro da humanidade não é de forma alguma desesperadora”.<sup>19</sup>

O último elemento que Jonas cita como preocupante, e que nos leva de volta ao caráter utópico do marxismo, versa sobre o papel creditado à técnica na realização da transformação social e econômica. Segundo Jonas, “desde o início o marxismo celebrou o poder da técnica, acreditando que a salvação dependesse da união desta com a socialização”<sup>20</sup>. Aqui nos chama atenção o que Jonas entende por socialização; ao contrário de Lenin,<sup>21</sup> que entendia essa fórmula marxista a partir dos objetivos de levar a eletricidade para todas as áreas povoadas da Rússia e de promover os Sovietes como forma de participação política; Jonas parece entender a socialização nos simples termos

---

<sup>19</sup> JONAS, H. *Une étique pour la nature*. Paris: Arthaud Poche, 2017, p. 157.

<sup>20</sup> JONAS, H. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*, p. 254.

<sup>21</sup> Jonas elogia Lenin por ter identificado o momento certo de agir — não de forma ortodoxa, mas com os fins ortodoxos — e ter conseguindo visualizar que suas ações, ainda que tivesse um resultado imprevisto e incontrolável, ao fim se tornaria um marco para a história política mundial. (Cf. JONAS, 2006, p. 194.)



de acesso comum aos bens e serviços, e não nos termos políticos, tal como inclusão nos processos deliberativos.

Discordamos, porém, de Almeida e Carvalho, quando dizem o seguinte:

O que fica claro é que sua posição em relação ao marxismo não é, portanto, de endosso de suas estruturas totalitárias e históricas, mas uma visada crítica que aponta para uma perspectiva política que recusa qualquer necessitarismo do processo histórico e político.<sup>22</sup>

Há aí uma confusão entre a obra de Marx e, assim parece, o governo totalitário empreendido por Stalin na URSS após a revolução soviética. Não há em Marx uma “estrutura totalitária” e o que se vê na obra *O Princípio Responsabilidade* é muito mais a tentativa de conciliar a obra marxiana com os objetivos de tradução da responsabilidade para o cenário político. E se Jonas veio a se decepcionar com os resultados dos governos de inspiração marxista do século passado, talvez tenha sido pela incapacidade desses governos de atentarem para uma necessária revisão e atualização de Marx ao contexto do mundo moderno e de suas particularidades, em especial, à importância da responsabilidade como fundamento para a ação.

A teoria marxista trazia entre suas pretensões uma relação saudável não apenas entre os homens, como entre estes e a natureza. Ainda que por um período curto, a Revolução Russa pode dar espaço, com Lenin e alguns de seus comissários dedicados aos assuntos científicos e educacionais, aos que “foram fortes defensores de uma política voltada para a ecologia voltada para a sustentabilidade agrícola, para a biodiversidade e para a pesquisa ecológica”<sup>23</sup>, para o florescimento de uma política comprometida com o bem comum, humano e da natureza em geral. Um período realmente curto que, com a morte de Lenin em 1924, viu-se soterrado pelo governo totalitário de Stalin.

### **Considerações finais**

As vantagens do marxismo foram, para Jonas, a partir dos exemplos do século XX, deixadas para trás pelo terror stalinista e pelo decepcionante governo chinês que desconsiderou as consequências desastrosas para o meio ambiente em sua jornada revolucionária. Assumindo, em uma entrevista pouco antes de sua morte no ano de 1993, o seguinte:

---

<sup>22</sup> ALMEIDA, L. M. F; CARVALHO, H. B. A. “Marxismo”, p. 143.

<sup>23</sup> WILLIAMS, C. *Ecology and socialism*. Chicago: Haymarket Books, 2010, p. 182.

Eu apenas considerei essas vantagens, não as descobri: isso é uma grande diferença! Eu era, eu sou, e continuarei cético acerca de ambos os lados. Testemunhamos hoje o triunfo da economia de livre mercado em oposição ao intervencionismo comunista. Mas não se pode dizer que isso constitua prova de que esta economia de mercado liberal é suficiente para superar os problemas que surgem de nossa relação com a natureza que visa tão somente ao sucesso econômico. Parece-me que existe uma perigosa confusão entre um momento de sucesso externo e as esperanças que tínhamos, com direito, nutrido pela capacidade deste sistema, se agora se pressupõe que o problema em relação ao universo, um problema que este sistema tem favorecido de forma incrível, a ponto de chegar a uma crise, poder ser controlado. Refleti acerca das possibilidades dessa economia socialista intervencionista, que pensei talvez em certo sentido ser mais capaz de dominar os problemas, porque tinha força para controlar o nível de satisfação das necessidades de suas populações e as oprimia duramente, e que conseqüentemente soubesse ser mais econômico: no entanto tivemos a demonstração de que ele não foi capaz disso. Descobriu-se, para minha surpresa e de muitos outros, que essa economia teve um desempenho ainda pior do que a economia de lucro capitalista do mundo ocidental livre.<sup>24</sup>

Apesar dos resultados imprevistos na análise de Jonas dos governos comunistas do século passado, os elementos que o filósofo destacou como significativos no marxismo para a elaboração da responsabilidade no cenário político continuam relevantes.

Cabe agora a nós, mais de quarenta anos depois da publicação de *O Princípio Responsabilidade*, buscar inspiração para a construção de uma forma política-econômica menos danosa ao meio ambiente e aos seres vivos em geral. Talvez possamos encontrar nos exemplos de movimentos políticos que aventaram o sentido da política, enquanto participação nos assuntos comuns e no exercício de nossas liberdade e responsabilidade, o que Jonas procurou descrever, algo como um governo global pelo bem comum.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, L. M. F; CARVALHO, H. B. A. “Marxismo”. IN: OLIVEIRA, Jelson; POMMIER, Eric (org). *Vocabulário Hans Jonas*. Caxias do Sul: Educus, 2019.

JONAS, H. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ensaio filosóficos: da crença antiga ao homem tecnológico*. São Paulo: Paulus, 2017.

\_\_\_\_\_. *O princípio vida: fundamentos para uma biologia filosófica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

<sup>24</sup> JONAS, H. *Une étique pour la nature*, p. 76-77.

- \_\_\_\_\_. *Memoirs*. London: BUP, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Técnica, medicina e ética: sobre a prática do princípio responsabilidade*. São Paulo: Paulus, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Entre le Néant et L'éternité*. Paris: Belin, 1996b.
- \_\_\_\_\_. *Une éthique pour la nature*. Paris: Arthaud Poche, 2017b.
- \_\_\_\_\_. "Acting, knowing, thinking: gleanings from Hannah Arendt's philosophical work". IN: *Social Research*, N. 44, V. 1, 1977, p. 25–43.
- MARX, K. *O Capital*. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2017.
- SAITO, K. *O ecossocialismo de Karl Marx*. São Paulo: Boitempo, 2021.
- SGANZERLA, A. Política. IN: OLIVEIRA, Jelson; POMMIER, Eric (org.). *Vocabulário Hans Jonas*. Caxias do Sul: Educs, 2019.
- VALVERDE, A. J. R. Utopia. In: OLIVEIRA, Jelson; POMMIER, Eric (org.). *Vocabulário Hans Jonas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2019.
- \_\_\_\_\_. "Utopismo e antiutopismo, em Bloch e Jonas". In: *Revista de Filosofia Aurora*, [S.l.], v. 32, n. 57, dez. 2020. ISSN 1980-5934. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/26739/24634>>. Acesso em: 01 jul. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.7213/1980-5934.32.057.DS05>.
- WILLIAMS, C. *Ecology and socialism*. Chicago: Haymarket Books, 2010.

Recebido em: Junho de 2021  
Aprovado em: Agosto de 2021